

O POLICIAL E AS TOALHAS

Christopher de Vinck

Estava em casa cuidando de meus filhos: David, de cinco anos, Karen, de três anos, e Michael, o bebê, enquanto minha esposa, Roe, trabalhava. Ela era recepcionista de uma clínica ortodôntica e, duas vezes por semana, trabalhava no turno da noite.

Logo depois do jantar, notei que Karen estava com febre alta.

Talvez devesse leva-la ao médico, pensei. Liguei para Roe, e ela concordou. Assim que desliguei o telefone, fui para a sala e encontrei Karen caída no sofá. Deitada de barriga para cima, espumava pela boca. Com os olhos revirados, ela não se mexia. Estava inconsciente. Pensei que estivesse morrendo.

Eu não sabia o que fazer. Michael ainda nem sabia andar, e David estava desnorreado. Minha vontade era sair correndo pela rua e gritar por socorro. Gritei:

- Karen! Karen! - ela não respondia.

O telefone! Chamei a polícia e a ambulância.

Comecei a correr pela casa com Karen no colo, chamando seu nome sem parar, mas ela não respondia.

Um minuto depois, liguei novamente para a polícia:

- Por favor, rápido!

Antes que desligasse o telefone, a campainha tocou. Luzes vermelhas e azuis piscavam por toda a vizinhança. Rapidamente, atendi à porta e lá, bem diante de mim, estava o policial mais alto e mais gigantesco que já vi. Podia sentir o cheiro de seu casaco de couro, e seus sapatos estavam bem lustrados.

- Não sei o que aconteceu com a minha filha. Ela não está reagindo!

- Está tendo uma convulsão - disse o policial com voz confiante. - Está doente?

- Tem febre alta! É o que sei! Ia levá-la ao médico.

Calmamente, o policial entrou e disse:

- Vamos colocar um pouco de água morna na banheira. Precisamos abaixar a febre.

Eu aponte para as escadas. O policial subiu, entrou no banheiro e começou a encher a banheira. Nem percebi que três ou quatro vizinhos haviam entrado em casa e cuidavam de David e de Michael. Eu também não sabia que a ambulância já estava a caminho. Tudo o que eu sabia é que um estranho estava tirando a minha filha de meus braços e, gentilmente, colocando-a na banheira.

Ajoelhei-me à esquerda do policial. Ele também se ajoelhou ao lado da banheira, derramando água sobre as costas quentes de Karen. Tinha uma arma na cintura, e seu distintivo raspava na louça da banheira.

Enquanto cuidava de Karen, o policial virou-se para mim e falou baixinho:

- Tenho uma filha de três anos também.

Karen começou a reagir. Após enxugá-la, joguei a toalha no chão e a envolvi em um cobertor de lã, enquanto a levava para baixo. Meus vizinhos

disseram que cuidariam dos meninos. A ambulância parou bem em frente à porta de casa, e eu podia ouvir o rádio transmitindo mensagens.

Entrei na ambulância pela porta traseira com Karen em meus braços. Eu não parava de chorar.

Na sala de emergência, o médico disse que Karen havia tido uma convulsão febril, a que algumas crianças são propensas. Sugeriu que consultássemos o médico da família. Sua temperatura diminuiu, e ela melhorou.

Há uma peça teatral de Tennessee Williams, chamada A margem da Vida, em que a personagem Amanda, a mãe, diz ao filho:

- Temos que fazer o possível para nos fortalecer. Nesses tempos difíceis em que vivemos, tudo o que temos para nos sustentar é um ao outro."

Naquela noite, após colocar a minha filhinha que já se recuperara na cama, passei pelo banheiro e notei que o policial tinha esvaziado a banheira e dobrado as toalhas.

Esse policial, o meu policial, não tinha motivo algum para ser tão amável, tão interessado, tão cuidadoso; mas, como o bom samaritano, ele parou e sentiu compaixão por mim e por minha filha.

Ao contar a história do bom samaritano, Jesus nos deu um exemplo do tipo de pessoas que serão recompensadas com a paz eterna no céu: aquelas que amam o próximo sem esperar nada em troca.